Caderno de Leituras
n.158 | 2022

O tênis ou a vida

Julio Trujillo

Tradução **Gabriel Bueno da Costa**

Nota da editora

O texto em espanhol – “El tenis o la vida”– foi publicado no *Periódico de Poesía*, da Universidade Nacional Autónoma do México (Unam), em 14 de janeiro de 2019, e está disponível em:
https://periodicodepoesia.unam.mx/texto/el-tenis-o-la-vida/
Agradecemos ao autor a autorização para publicá-lo.

Esporte quase mudo e geralmente praticado com roupas brancas, épica do indivíduo na qual força física não é nada se não há força mental, metáfora perfeita da vida e suas perseverenças, mescla de ritmo, beleza e potência, velocíssimo e vivo xadrez, o tênis se presta ou deveria se prestar como uma ferramenta literária eficaz. Apesar disso, a bibliografia não é abundante.

Minha primeira lembrança do que deveria ser um prolixo e fértil concubinato (tênis e literatura) devo não sei se a Donald Davie ou a Hugh Kenner, eruditos na vida e obra de Ezra Pound, em um parágrafo perdido no qual um dos dois conta que o poeta de Idaho gostava de jogar tênis, e que seu saque era uma inverossímil contorção que deixava seus adversários pasmos. Essa imagem de um Pound desgrenhado, de shorts, dobrando-se e se desdobrando na preparação de seu serviço, tem me acompanhado durante anos, e costumo acrescentar a ela o poeta gritando *tenez!* no momento de fazer contato com a bola – assim, em francês –, para me lembrar da origem de seu nome e também de que se trata de um esporte em que impera a cortesia.

Chego a lembrar, também, de uma foto de Tolstói jogando sobre a relva (quando se trata de tênis a gente se vê tentado a escrever "gramado") e, vagamente, mas com emoção, umas linhas de Shakespeare nas quais Péricles, semimorto na costa da Grécia, compara o oceano a uma vasta quadra de tênis. São citações e lembranças que chegam de bate-pronto (como uma passagem no formidável e tóxico romance *Money*, de Martin Amis, no qual o narrador critica os ingleses que afirmam saber jogar tênis, em comparação com os gringos que de fato sabem), mas na verdade são muito escassas. A referência obrigatória é, evidentemente, David Foster Wallace, um escritor tão obsessivo,

minucioso e concentrado no detalhe que terminou por ser a pena ideal para descrever as qualidades do esporte. Tenista ele mesmo em sua juventude, Foster Wallace alcança voos líricos em sua prosa tenística (hoje reunida no livro intitulado *String Theory*), e é célebre seu ensaio "Roger Federer como experiência religiosa", no qual, por exemplo, conta com riqueza de detalhes um ponto de dezesseis golpes entre o suíço e Nadal na final de Wimbledon de 2006, ou então se frustra ao não poder descrever a beleza e o gênio do jogo de Federer. E arremata: "É um assunto estético que é preciso abordar de maneira oblíqua, ou – como Tomás de Aquino fez com seu próprio, inefável tema – tentar defini-lo em termos do que não é".

Mas vamos à poesia, que alguma coisa tem aí. Duas de minhas poetas favoritas, e amigas entre si, Anne Sexton e Sylvia Plath, têm poemas sobre o tênis, e é possível imaginá-las vestidas de branco e belíssimas jogando entre si, com essa graça fatal que possuem apenas as poetas suicidas. E Anne Sexton era fatal em grau máximo, obcecada com sua própria morte e com a decadência de seu corpo. Em seu poema "A viciada", conta sobre as coloridas pílulas que toma todas as noites antes de dormir, como um treinamento para a morte, e encerra assim:

É uma cerimônia,
e como qualquer outro esporte
tem regras.
É como um jogo de tênis musical
no qual minha boca agarra a bola.
Aqui jazo, em meu altar
Elevada por oito beijos químicos.
Que maneira de me aconchegar
com dois "boas-noites" rosas, dois laranjas,
dois verdes e dois brancos.

Brutal, como ela costuma ser, e com essa imagem de "tênis musical" que fica rondando nossa cabeça. Por seu lado, Sylvia Plath (que aborreceu muitíssimo sua amiga ao se suicidar *antes dela*) capta com languidez e melancolia a passagem do tempo com esta imagem memorável de seu poema "18 de abril":

Um futuro se perdeu ontem
tão simples e irrevogavelmente
como uma bola de tênis no ocaso.

Da minha infância, em que joguei muito tênis com meus primos, lembro de nossa obsessão por seguir jogando e jogando, inclusive quando o sol se punha e a bola, sim, se perdia no crepúsculo, bela e desoladora imagem bem ao estilo da autora de *Ariel*.

Há poucos (bons) poemas sobre tênis em espanhol, embora a cena de Caravaggio jogando contra Francisco de Quevedo no romance *Muerte súbita*, de Álvaro Enrigue, seja altamente poética (isso sem falar das bolas de tênis feitas com o cabelo da decapitada Ana Bolena). O enorme poeta Leopoldo Lugones, especialista em luas, imagina uma cena quase pastoril em que umas senhoritas jogam tênis. Seu poema "Tênis" começa assim:

As meninas do tênis, em grupos emparelhados,
Agraciam de branco o prado verde
Que floresce em um pólen de sol, e afastado
Em serenidades azuis se perde

E termina assim:

Em leve centelha a bola cruza
Com tais arrojos de triunfo e de acaso,
Que mais de um sensível coração pula
E na rede fica preso ao passar.

A elegância do esporte, sua demarcação sobre a relva ou a superfície verde, o ir e vir da bola-centelha, esse ritmo que na realidade é um diálogo e, por que não, um cortejo, convidam os poetas a traçar postais de acentuada coqueteria, como este do catalão Josep Carner:

Pela relva do prado caminhavas
e voava teu braço adolescente;
e pela rede da raquete alçada
se filtrava a luz do sol poente.

Até as raquetes se prestam ao lirismo! Porque o tênis, além de sua beleza explícita, funciona muito bem como símbolo da vontade, do esforço individual, do ritmo e do poder necessários para não sucumbir ante as derrotas nem se engrandecer nas vitórias. Tamanha é a irmandade desse esporte com a poesia que, há uma década, Wimbledon tem um poeta oficial encarregado de fazer uma composição diária durante o torneio, e não apenas isso: na quadra central dessa Meca do tênis (nas palavras de Foster Wallace), há uma placa de madeira com dois versos do celebérrimo poema "If", de Rudyard Kipling (provavelmente o poema mais declamado em idioma inglês), e é tradição que, ano após ano, os campeões do torneio os leiam em voz alta. Podemos imaginar Venus Williams recitando:

Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires
Tratar da mesma forma a esses dois impostores[1]...

Muitas citações e histórias permanecem em meu tinteiro (lembro agora de ter lido que o poeta Randall Jarrell, ele mesmo jogador, gostava de dar suas

1 A tradução utilizada dos dois versos é a de Guilherme de Almeida. [N.T.]

aulas de literatura em uma quadra de tênis), mas não quero terminar sem recordar esta declaração famosa de Robert Frost: “Para mim, escrever em verso livre é como jogar tênis sem rede”, que mereceu esta resposta de Carl Sandburg: “Dizer que escrever em verso livre é como jogar tênis sem rede equivale a que uma zebra diga a um leopardo ‘Prefiro minhas listras a suas manchas’. Houve poetas que jogaram tênis mais de uma vez com raquetes invisíveis, cortando bolas fantásticas por sobre uma rede insubstancial, em uma quadra iluminada pela lua”.

Caderno de Leituras n.158 | 2022

O tênis ou a vida
El tenis o la vida
Julio Trujillo

Edição e preparação de texto
Maria Carolina Fenati

Tradução
Gabriel Bueno da Costa

Revisão da tradução
Thiago Panini

Revisão
Andrea Stahel

Projeto gráfico
Felipe Carnevalli e Paula Lobato

Coordenação da coleção
Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

Composto em Ubuntu e Ubuntu Mono

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, novembro de 2022
Esta e outras publicações da editora estão disponíveis em
www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos da Lei
Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização:

PROJETO REALIZADO PELA SOCIEDADE CIVIL COM RECURSOS ORIUNDOS DA POLÍTICA DE FOMENTO À CULTURA MUNICIPAL

Incentivo:

LMIC
LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

CULTURA

PREFEITURA BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

Projeto 0182/2021